

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS DA COMUNICAÇÃO (*)

EDUARDO DIATAY B. DE MENEZES

"... la personne humaine ne réussissant jamais à produire qu'en symbiose avec autrui, même dans la solitude du travail intérieur, ou bien il faut adopter systématiquement une méthode de coopération, comme dans la production scientifique où la vérité ne se conquiert que par le contrôle d'innombrables partenaires sur le terrain des faits comme de la déduction, ou bien le moi se croyant libre subit inconsciemment les contagions ou les pressions du groupe social, ce qui n'est pas plus valable, car le sociocentrisme, comme l'égo-centrisme, est aux antipodes de la coopération rationnelle."

JEAN PIAGET

Sagesse et Illusions de la Philosophie

"Les moyens de communication se font de plus en plus parfaits; on peut imprimer de plus en plus vite, à une vitesse incroyable... mais les communications se font de plus en plus affairées et de plus en plus confuses. (...) Voyez-la, la malhonnêteté: les concepts n'ont plus de sens, le langage est troublé, les gens se battent mutuellement dans tous les sens. La situation ne sera jamais aussi favorable pour les bavards de tout poil, car la confusion générale dissimule leur confusionnisme. C'est l'âge d'or du bavardage."

Soren KIERKEGAARD

Dialectique de la Communication (1847)

"eu minto mas minha voz
não mente
minha voz soa exatamente
de onde no corpo da alma
de uma pessoa
se produz a palavra EU"

CAETANO VELOSO

Drama

(*) O presente texto reproduz, com alguns acréscimos e modificações, a "Introdução" que o Autor escreveu para o livro *Fundamentos Científicos da Comunicação* — a ser publicado brevemente pela Editora VOZES de Petrópolis —, e cujo capítulo sobre sociologia da comunicação também é de sua autoria.

Instado, em dois momentos significativos — na fase de planejamento e após concluídos os originais —, pela coordenadora desta obra, a escrever-lhe uma introdução, resolvi finalmente (não sem um certo temor) aceitar a incumbência. E aqui estou para explicar aos prováveis leitores deste livro a sua razão de ser, bem como o seu objetivo e os limites de suas intenções.

Na realidade, ele nasceu do entusiasmo estimulante da professora Adísia Sá, encarregada do ensino desta disciplina no Departamento de Comunicação Social, da Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, da Universidade Federal do Ceará, e do apoio que lhe propiciou o professor José Marques de Melo, da Universidade de São Paulo. A professora Adísia Sá, até então engajada principalmente no ensino da Filosofia e disciplinas correlatas — para não falar de sua atividade como jornalista profissional —, viu-se a braços com uma tarefa derrotante que era a de desenvolver um programa de *fundamentos científicos da comunicação* (matéria tão vasta quanto as próprias fronteiras do conhecimento humano em vários setores de suas atividades), para os alunos do Curso de Comunicação Social, normalmente sem acesso à bibliografia especializada no assunto. Na minha opinião, não temos aí apenas uma disciplina, mas sim um conjunto delas, suficientemente amplo para induzir o desânimo ou a desistência mesmo nos espíritos mais ousados: conjunto de disciplinas que exigiria naturalmente o trabalho de uma equipe, que as condições de nossos cursos universitários não parecem, contudo, suportar. Adísia Sá, porém, não recuou e iniciou modestamente o seu trabalho. Conseguiu, em seguida, de várias Escolas de Comunicação, o programa dessa “disciplina”, e ocorreu-lhe assim a idéia de coordenar um grupo polivalente e multidisciplinar que, de acordo com plano previamente discutido, elaborasse um livro de texto para preencher as necessidades nesta área e facilitar o desempenho de inúmeros professores da matéria espalhados pelo país. Eis em poucas palavras a pré-história do livro; quanto à sua história, os leitores e críticos, as vicissitudes e experiências que a prática acadêmica apresentar no-lo dirão melhor que ninguém.

* * *

Mas por que estudar comunicação? E, mais especificamente, por que estudar-lhe os fundamentos científicos? No entanto, os estudos de comunicação têm ocupado de tal forma a ordem do dia que pode parecer estranho esse questionário. Além disso, os fenômenos comunicacionais manifestaram-se de modo tão impregnante e permanente na vida e sobrevivência do homem que seria perfeitamente legítimo inverter o sentido da indagação: por que não estudar a comunicação? De fato, a comunicação se coloca no centro da civilização. A história humana só possui significado porque as nossas experiên-

cias são estocadas por processos de acumulação e superação, *mas sobretudo porque são comunicáveis*. Com efeito, experimentos em que criancinhas e filhotes de chimpanzé são criados conjuntamente indicam patente superioridade dos últimos em diversos aspectos da conduta e da aprendizagem, nas primeiras fases do seu desenvolvimento. Quando, porém, as criancinhas ampliam a sua integração no sistema de comunicação humano através da aquisição da linguagem e da elaboração do pensamento organizado, o seu comportamento se torna tão infinitamente superior ao de qualquer outro animal que nos lembra a pertinente distinção insistentemente proposta por CHOMSKY: “não se trata de uma questão de grau de complexidade, *mas antes de qualidade de complexidade*” (o grifo é meu). (1) Por conseguinte, é a partir do momento em que o homem inicia a manipulação simbólica de seu ambiente e de si mesmo, é a partir do instante em que a linguagem e a comunicação — o que implica convivência social e intercâmbio cultural — permitem-lhe a criação de sistemas de ação altamente complexos e variados, é a partir daí que o homem se torna verdadeiramente humano.

Foi, sem dúvida, esse fato que levou o criador da Cibernética a afirmar que “o interesse humano pela linguagem parece ser um interesse inato por codificar e decifrar, e parece ser quase tão especificamente humano quanto o possa ser qualquer interesse. *A linguagem é o maior interesse e a consecução mais característica do homem*”. (O grifo é do próprio Autor) (2). Assim, no lento e longo processo de hominização, a espécie desenvolveu pelo menos as três seguintes características que ou não existem nas demais ou, se existem, é em grau mui diminuto: 1) a sua capacidade de *raciocínio abstrato*, isto é, o desenvolvimento do pensamento hipotético-dedutivo; 2) a sua capacidade *técnica*, ou seja, a habilidade de confeccionar e usar instrumentos ou artefatos; e 3) a sua capacidade de *comunicação através de símbolos*, especialmente por meio da linguagem.

Além disso, como na humanidade tudo parece girar em torno de sua sobrevivência e de melhores condições de relacionamento entre as pessoas, todos os problemas científicos e tecnológicos, a saber, as questões teóricas e pragmáticas com que nos defrontamos são a muitos respeito problemas de comunicação: quer seja no campo das descobertas espaciais, quer seja no âmbito das matemáticas, quer seja no setor das investigações físicas e químicas, ou na área das questões biológicas e genéticas, quer ainda no amplo terreno dos fenômenos psicológicos e sócio-culturais, ou, enfim, no domínio da

(1) Cf.: *Linguagem e Pensamento* (tr. bras.), Petrópolis: Vozes, 1971, pág. 16. (Todo o livro, aliás, é uma discussão desse problema na perspectiva das contribuições da Lingüística).

(2) WIENER, Nobert, *Cibernética e Sociedade* (tr. bras.), São Paulo: Cultrix, 1968, pág. 84.

especulação filosófica, o *homem* e a *informação* se colocam como pontos de referência cruciais.

Por outro lado, os analistas das sociedades contemporâneas são unânimes em sublinhar como um de seus traços mais salientes o volume e a complexidade das informações de toda ordem com que o homem atual se depara permanentemente. Não obstante alguns tecnologistas começarem a por em destaque este outro aspecto paradoxal de nosso tempo: *a explosão da ignorância*. Isto é, a investigação científica tem duplicado a soma dos conhecimentos humanos num período de cinco a quinze anos, tanto no que concerne à sua complexidade, quanto no que diz respeito à interdependência dos elementos de informação, as quais crescem, conforme as circunstâncias, numa progressão próxima do quadrado ou do cubo de seu volume, ou seja, numa curva exponencial. Ora, isso acarreta naturalmente enorme defasagem entre os recursos intelectuais do homem para processar e assimilar essa informação, e o seu volume global disponível. Sem falar que somos constantemente ultrapassados em nossas aquisições. (3)

Eis algumas das razões de nosso estudo. De qualquer forma, se não fosse por outros motivos, eu teria a tentação de dizer que o homem moderno é impelido a pesquisar os fundamentos científicos da comunicação pelo simples desejo de conhecer, visto que, em última análise, todo conhecimento humano se converte em experiência transmissível (comunicação) e em saber aplicável (uma "praxis").

É bom não esquecer que o estudo da comunicação humano é tarefa excessivamente vasta. De um lado, as artes gráficas em geral e certos setores das matemáticas, a eletrônica e a fisiologia contribuem grandemente para a compreensão desse processo. Doutra parte, porém, disciplinas como a lingüística, a filosofia, a psicologia, a antropologia e a sociologia ocupam talvez posição de maior relevo no estudo desse fenômeno. Por volta de 1912, em sua *La Philosophie du Langage*, o lingüista francês Albert DAUZAT, ainda que numa perspectiva mais restrita, resumia mais ou menos desta forma a complexidade deste empreendimento:

(3) Cf., a esse respeito, o editorial de Julius LUKASIEWICZ, em: *Impact — Science et Société*, Paris: UNESCO, vol. XX, 1970 número 4. Embora noutra perspectiva, seria interessante aproximar dessa observação o comentário que KIERKEGAARD fazia, há mais de um século, nos fragmentos que deixou de um curso sobre a dialética da comunicação: "Alors donc que la communication croît à la puissance quatre, elle ne fait qu'entraîner un surcroît de confusion, car, lorsque rien n'est stable, plus l'on communique et plus la confusion devient effroyable et plus la tâche assignée à l'individu devient inhumaine et surhumaine." (Cito de acordo com a reprodução preparada por Henri-Bernard VERGOTE: cf. "Dialectique de la Communication", em: *Revue de Métaphysique et de Morale*, número 1, jan.-mar., 1971, pág. 53-76).

“A linguagem é um conjunto de sons articulados; este é o primeiro aspecto que chama a atenção do lingüista. O estudo dos sons constitui a fonética e implica relações com a fisiologia e com a física. A linguagem pode ser considerada, em segundo lugar, como instrumento do pensamento. Este é objeto da semântica e inclui a análise das relações gramaticais, a morfologia e a sintaxe, e o significado da vida das palavras. Nesse respeito, são de importância as relações com a psicologia. Finalmente, a linguagem é um fato social, um meio de comunicação, e neste ponto a lingüística mantém importantes contactos com as ciências sociais e culturais.” (4)

Se acrescentarmos a isso os inúmeros aspectos introduzidos pelo equipamento técnico dos modernos meios de comunicação, veremos, pois, que se nos impunha necessariamente, nesta obra, uma seleção dos assuntos e dos ângulos de abordagem do problema. E foi o que tentamos realizar.

* * *

A unidade fundamental do presente livro reside em três aspectos mais ou menos evidentes: 1) o foco de interesse de cada capítulo, que está na concepção global e no objetivo geral da obra — a análise do processo de comunicação; 2) a escolha deliberada e preferencial de determinados campos do conhecimento para proceder a essa análise; e 3) o próprio plano ou ordem que se adotou na distribuição dos assuntos. Obviamente, um trabalho desta natureza será, de modo quase inelutável, parcial e relativamente tendencioso quanto aos ângulos de visão do problema, já que é praticamente impossível esgotar as dimensões de um fenômeno tão amplo e complexo como a comunicação. Daí que os autores se impuseram conscientemente limites bastante definidos. Por exemplo, todos os capítulos evitaram tratar do processo comunicacional em sua perspectiva genérica; pelo contrário, todos eles optaram por seu estudo enquanto fenômeno especificamente humano, sem, todavia, pretender excluir ou negar as outras formas de comunicação.

Apesar da unidade intrínseca do tema e da relativa convergência de pontos de vista, o leitor notará facilmente que não existe uniformidade de estilo nem de abordagem: cada especialista, além do ângulo de visão característico de sua disciplina, situou-se num tipo de tratamento peculiar e num nível de análise diversificado.

Para concluir esta introdução que já se alonga, passo, pois, a

(4) A referência é um resumo das idéias contidas na introdução e no primeiro capítulo da tradução espanhola: *La Filosofía del Lenguaje*, Buenos Aires: Ed. El Ateneo, 1947.

uma apresentação sumária do alcance e significação de cada um dos diferentes capítulos que compõem o livro. Antes, porém, não gostaria de deixar sem lamentar o fato de que esta edição saia com a ausência do capítulo que examinaria os “fundamentos matemáticos da comunicação”. Infelizmente, a pessoa encarregada de fazê-lo não pôde concluir o seu trabalho. Portanto, é mister confessar humildemente ser esta uma lacuna quase imperdoável uma vez que se trata de umas dimensões mais fecundas na análise dos fenômenos comunicacionais. De fato, o estudo matemático das comunicações repousa sobre a noção de *signal*, de sua propagação e de suas deformações nos diversos sistemas utilizados pelo homem. Conforme observa o físico francês, Louis de BROGLIE, a produção, a transmissão e a recepção de sinais estando submetidas a toda sorte de acidentes, tornaram o cálculo das probabilidades um auxiliar indispensável da teoria da comunicação (5). A teoria matemática da comunicação não deve ser confundida com a teoria da informação, embora possa incluí-la. O problema fundamental da comunicação está em reproduzir exatamente ou aproximadamente, num ponto dado, uma mensagem escolhida noutro ponto. Frequentemente as mensagens possuem um significado, isto é, referem-se ou correspondem, de acordo com determinado sistema, a certas entidades físicas ou conceituais. Contudo, tal aspecto semântico da comunicação não é levado em conta no tratamento técnico do problema. O que importa aqui é que a mensagem efetivamente transmitida é escolhida num conjunto de mensagens possíveis. O sistema deve ser concebido de modo a funcionar para cada uma das escolhas possíveis, e não apenas para aquela que será efetivamente feita pois que é desconhecida no momento da concepção. Se o número das mensagens é finito, então esse número pode ser considerado como uma medida da informação transmitida após a escolha da mensagem, todas as escolhas sendo equiprováveis. Segundo tem sido demonstrado, a escolha mais natural é a função logarítmica. Assim, escolher a base do logaritmo significa escolher uma unidade de medida da informação. Se for utilizada a base 2, poderemos chamar as unidades resultantes de unidades *binárias*, ou mais abreviadamente “BIT”, conforme convenção já estabelecida. Ademais, as noções de “quantidade de informação”, de “velocidade de informação” etc., definidas por matemáticos como WIENER, SHANNON e outros, levaram a destacar a importância da grandeza *informação*, que representa na teoria da comunicação um papel análogo ao da *entropia* em Termodinâmica. Portanto, a teoria matemática da informação — e agora nos situamos num plano mais restrito — resume-se praticamente ao cálculo estatístico das alternativas escolhidas para a formulação de uma mensagem, em

(5) Cf.: “Sens Philosophique et Portée Pratique de la Cybernétique”, conferência pronunciada em 1951 e reproduzida em seu livro: *Nouvelles Perspectives en Microphysique*, Paris: Albin Michel, 1956, págs. 75-102.

relação aos destinatários que a recebem. Em outras palavras: a teoria da informação é o conjunto de pesquisas que tende a avaliar a quantidade de informação e os meios mais econômicos de obter o máximo de informação. O princípio da medida consiste em avaliar a diferença entre uma indeterminação de partida (número de possibilidades e de graus de probabilidade dessas possibilidades antes da informação) e a que existe após uma resposta parcial. Tais aspectos e outros que lhes são correlatos serão certamente desenvolvidos em capítulo específico numa futura edição deste livro, se houver... (6)

Indubitavelmente, os processos vitais em geral — e isso hoje parece mais evidente depois da decifração do *código genético* — repousam sobre uma rede assaz complicada de ações e reações em que as noções de sinal, transmissão, informação e neg-entropia devem representar por certo um papel preponderante. É preciso lembrar, no entanto, que o capítulo que trata dos “fundamentos biológicos da comunicação”, nalguns de seus tópicos, talvez seja o mais especializado do livro, em virtude da análise relativamente extensa que ele apresenta de aspectos bioquímicos da questão. Entretanto, é possível ao leitor arguto captar com certa facilidade a idéia central desenvolvida pelo trabalho do professor Expedito Teles, e que resumimos como segue: a vida é organização e essa organização somente se realiza pela utilização e troca de informações; tal tipo de comunicação se dá no universo desde o nível micromolecular até às formas macroestruturais dos organismos vivos, fato que pode ser verificado pelo exame da evolução cósmica e biológica. Não sei se o autor subcreveria a minha interpretação, mas estou seguro de que procurei ser fiel ao seu texto.

(6) Cf. a respeito o excelente: FAGES, Jean-Baptiste et al., *Dictionnaire des Media (technique — linguistique — sémiologie)*, Paris: Mame, 1971 (de onde resumimos parte da exposição feita acima). Além das inúmeras referências bibliográficas sobre o assunto distribuídas por várias partes do presente livro — e particularmente em nota de rodapé na primeira parte do capítulo sobre os “fundamentos sociológicos da comunicação” —, o leitor consultará com proveito: IDATTE, Paul, *Chaves da Cibernética* (tr. bras.), Rio: Civil. Bras., 1972; ASHBY, W. Ross, *An Introduction to Cybernetics*, Londres: Chapman & Hall, 1956; LATIL, Pierre de, *O Pensamento Artificial — Introdução à Cibernética* (tr. bras.) São Paulo: Ibrasa, 1959; WIENER, Nobert, *Cybernetics*, Cambridge (Mass.), M. I. T.; 1961; *Encyclopaedia Britannica* verbete: “Information Theory”, v. 12, págs. 350-353 (1964); KATS, Chalm S., DORIA, F. A. e LIMA, Luiz Costa, *Dicionário Crítico de Comunicação*, Rio: Ed. Paz e Terra, 1971 (todos os verbetes respectivos); PICARD, Claude, “Que'est-ce que l'Information?” in *L'Ère des Ordinateurs*, “Recherches et Débats”, Paris: Desclée de Brouwer, 1966, págs. 11-33; LE LIONNAIS, François, “Qu'est-ce que l'Information?”, in: POIRIER, René (Org.), *Entretiens en Marge de la Science Nouvelle*, Paris e La Haye: Mouton, 1963, págs. 115-120; e ainda este belíssimo trabalho lançado recentemente pelo professor Maurício ROCHA E SILVA: *A Evolução do Pensamento Científico*, São Paulo: HUCITEC, 1972, em que a noção de informação cobre boa parte dos tópicos ali desenvolvidos e domina claramente quase a maioria de suas explicações.

As questões relativas aos “fundamentos antropológicos da comunicação” ficaram a cargo do professor João Pompeu de Souza Brasil. Aproximadamente a metade de seu capítulo foi dedicada a um resumo preciso e esclarecedor das variações filogenéticas e dos processos ecológicos que transformaram o homem num ser comunicante, tal como se pode inferir das contribuições da antropologia física. Nesse mister, o autor conseguiu uma exposição do assunto que, sem prejuízo de sua qualidade científica, apresenta-se sob forma bastante compreensível. As duas últimas partes do trabalho são constituídas por aspectos pertinentes ao campo específico da antropologia cultural, na medida em que esta pode lançar luzes sobre o processo da comunicação humana. Partindo do fato de que a cultura apenas se tornou possível à proporção que o homem elaborou sistemas apropriados de comunicação e, reciprocamente, estes só se efetuaram na medida em que aquela se desenvolvia, defende o autor a idéia de que a cultura não está propriamente na concreção da atividade coletiva, isto é, nos seus produtos materiais, mas sim e sobretudo, nas transformações por que passa a mente humana (o que se confunde de certo modo com o crescimento e a complexificação do conhecimento) em consequência de sua ação criadora e vice-versa. Portanto, parece óbvio que tais modificações se realizem através de sistemas que permitam o intercâmbio de informações entre os homens. Ou nas palavras mesmas do autor:

“Sendo parte da cultura, a comunicação simbólica é sempre social. Ocorre entre pessoas, ou entre pessoas e partes de seu universo cultural. Tem sua expressão mais refinada e abrangente na *fala* que fornece as categorias simbólicas para interpretação de outros mecanismos não falados para transmitir mensagens.”

O Dr. José Maria Nascimento Pereira, médico-psiquiatra, com sua larga experiência de professor e terapeuta, consegue traduzir numa linguagem simples e didática a maioria dos complexos problemas dos “fundamentos psicológicos da comunicação” humana. Com efeito, quase todos os fenômenos relevantes de natureza psíquica são aí enfocados em termos de comunicação. Outro aspecto que ressalta indiscutivelmente deste trabalho é o seu caráter de conhecimento científico, porém referido permanentemente à prática e à aplicação. Assim, depois de repassar as dimensões neurofisiológicas da conduta, sempre na perspectiva de um sistema de comunicação aberto, o qual atravessa diferentes estádios de estruturação progressiva (gênese da personalidade), volta-se o autor para o exame psicológico dos diversos componentes do processo comunicativo do homem: os símbolos, as mensagens, o emissor, o receptor etc. Allás, se me fosse dado destacar alguma parte deste capítulo, eu chamaria

a atenção do leitor para quatro de seus tópicos (que o autor denomina "pontos") excelentemente desenvolvidos: do sexto ao nono. O trabalho conclui com sugestões de ordem prática no que diz respeito às técnicas psicológicas da comunicação, constituindo-se numa espécie de síntese do que fora analisado anteriormente.

Os dois capítulos que antecedem imediatamente ao dos "fundamentos sociológicos da comunicação" (que coube a mim desenvolver) estão relacionados com ele de modo interdependente. Procurei, na sua introdução e em largo trecho de sua primeira parte, discutir alguns preliminares metodológicos e conceituais que me pareceram pertinentes e indispensáveis para a compreensão do tema assim como para situar nitidamente o quadro analítico em que me coloco na sua elaboração. Como não poderia deixar de ocorrer, existe clara aproximação entre a perspectiva por mim adotada e aquela em que se situam o psicólogo e o antropólogo. Comunicação humana é fato social e histórico que implica comunidade de experiências significativas. Depois de examinar alguns dos principais esquemas ou paradigmas apresentados por cientistas sociais com o intuito de explicitar o processo comunicativo, tento elaborar um modelo analítico dos tipos e níveis da comunicação social. Encerra o capítulo um estudo sumário das estruturas e conteúdo da comunicação humana (social), com ênfase na divulgação dos principais trabalhos experimentais sobre o assunto, os quais se encontram quase sempre numa literatura mais especializada. Infelizmente, não tive ocasião de desenvolver a parte referente mais especificamente às relações entre os processos de comunicação e o sistema social, o que me obrigou — no material aqui apresentado — a dar prevalência a uma análise de tipo microsociológica.

No conciso mas seguro capítulo acerca dos "fundamentos lingüísticos da comunicação", o professor Marcondes Rosa de Sousa apóia-se nalguns pontos básicos, a saber: que a linguagem constitui um produto da ação coletiva do homem ao mesmo tempo que representa um cimento das relações sociais; e que a linguagem fônica consiste num como paradigma ou modelo geral das diversas outras formas de linguagem humana, as quais convergem para aquela e podem, em última instância, ser traduzidas nela. Daí parte ele para o exame propriamente lingüístico da comunicação. Merece ressaltada a utilização de uma citação de BARTHES acerca da estrutura relacional tripartida (ou se preferirmos: em três níveis) dos sistemas signícos: os nexos paradigmáticos e a relação sintagmática. Além disso, destaca ele de modo oportuno o caráter de *linearidade* da comunicação por meio de signos lingüísticos, o que a particulariza em oposição a outras formas ou sistemas comunicacionais mais simultâneos e globalizantes. A seguir, é apresentada uma sugestiva e brilhante digressão em torno da arbitrariedade ou não-arbitrariedade da relação entre o significado e o significante. Na minha opinião, o

autor trabalha neste ponto sobre equívoco fundamental, o que o induz a conclusões bastante discutíveis. Como não cabe, porém, numa simples apresentação, nenhum comentário crítico, deixo a questão a juízo do leitor. O trabalho se enriquece, enfim, pela análise lingüística (e semântica) de exemplos inteligentemente sugestivos — sobretudo nos três últimos tópicos, talvez os mais intensos do capítulo — e que tornam a sua leitura altamente estimulante (*).

Ao chegar ao último capítulo, o leitor notará certa diferença de tratamento do assunto, assim como relativa mudança no estilo. De fato, o trabalho da professora Adísia Sá propõe algumas das aporias fundamentais do existir humano enquanto conhecimento e, portanto, enquanto comunicação (ou diálogo). E seu estilo é freqüentes vezes poético no sentido nobre do termo. Como sua própria autora observa, talvez cause estranheza num livro de fundamentos *científicos* da comunicação um capítulo de especulação filosófica. Entretanto, a filosofia pode ser encarada como uma metaciência e, como tal, cabe-lhe a tarefa imensa de refletir sobre as bases do conhecimento que se elabora cientificamente (*). Forçoso é reconhecer, portanto, que o estudo da comunicação humana é também uma empresa filosófica: o pensamento crítico e a filosofia analítica contemporâneos estão particularmente voltados para os estudos da linguagem em suas relações com o pensamento. Com efeito, a linguagem é usada na comunicação como um suporte físico de idéias, de suas relações estruturais e do significado a que se referem. Tais padrões apresentam coerência ou validade (dentro do âmbito de sua significação), o que constitui o tema fundamental da lógica. E as relações lógicas que aí subjazem — implicação, conjunção, disjunção, negação etc. — mantêm íntimo contacto com as estruturas de significado e ocasionam consequências em termos de verdade e erro. Além disso, o exame dos fatos relativos à comunicação humana tem implicações ainda com a metodologia científica, com a epistemologia, com a filosofia da ciência, enfim, que incluem análises acerca da natureza da explicação e do conhecimento científicos, da predição, da causalidade e dos níveis de investigação científica (o recorte dos fatos, a for-

(*) É necessário observar aqui que o autor utiliza o termo "ideológico" consistentemente num sentido diferente daquele que lhe é atribuído pelos cientistas sociais (ao menos no contexto da sociologia do conhecimento e no da ciência política), excetuando-se uma única vez quando, no final do capítulo, transcreve uma afirmação de TODOROV.

(*) Não obstante, PIAGET sustenta que a filosofia não constitui um *savoir* (saber) no sentido científico do termo, mas antes uma *sagesse* (sabedoria) enquanto atitude de vida, enquanto mundividência, e como tal consiste numa busca do absoluto ou numa análise da totalidade da experiência humana, compreendidos aí os problemas de valores. Cf. sobre o assunto: PIAGET, Jean (Org.), *Logique et Connaissance Scientifique*, col. "Encyclopédie de la Pléiade", Paris: Gallimard, 1967, pág. 1118; Id.: *Sagesse et Illusions de la Philosophie*, Paris: P.U.F., 1965 (onde essa tese é desenvolvida ao longo de quase trezentas páginas).

mulação de leis e a construção de teorias). Finalmente, é em grande parte tarefa do filósofo a elaboração de uma teoria geral do significado, ontologicamente fundada, e de suas relações com a verdade e a realidade (7). Por outro lado, sabemos que conhecimento implica informação, e que a ciência se cria e se recria por um processo de acumulação e transmissão (diálogo, debate, comunicação). Eis por que o livro finaliza com este trabalho. Assim, passa a autora ao exame dos problemas da comunicação humana nas suas relações com a ontologia e com a teoria do conhecimento, sem esquecer as dimensões éticas e axiológicas, bem como os aspectos lógicos da questão. Em suas próprias palavras “Não existe Teoria do Conhecimento que não termine numa Teoria da Comunicação”. É esse, sem dúvida, o tema fulcral do capítulo, retomado mais adiante enfaticamente: “O homem é, realmente, um criador de valores, como é um criador de signos. Ao criar o signo, o homem dá a este signo um conceito e é em torno deste binômio signo/conceito que o homem vive, cria e se comunica”. Essa perspectiva, aliás, é coincidente com a opinião defendida por Ernst CASSIRER, no seu belíssimo *An Essay on Man* (1944), no qual ele propõe o símbolo como chave da natureza humana. Para ROUSSEAU, por exemplo, o homem que reflete é um animal depravado, ao passo que para o filósofo alemão desde que o homem logrou ultrapassar os limites da vida orgânica, já não vive somente num puro universo físico, mas sim, num *universo simbólico*. A linguagem, o mito, a arte, a religião etc., compõem os fios que tecem essa rede simbólica, essa urdidura complicada da experiência humana. “Todo progresso, diz ele, em pensamento e experiência, afina e reforça essa rede.” Por isso, conclui CASSIRER: “em lugar de definir o homem como um *animal racional*, defini-lo-emos como um *animal simbólico*.” (8)

(7) Cf. a esse respeito, por exemplo: URBAN, W. M., *Language and Reality — The Philosophy of Language and the Principles of Symbolism*, Londres: George Allen & Unwin, 1961.

(8) Cf.: *Antropologia Filosófica* (tr. esp.), México: Fondo de Cultura Económica, 1968, págs. 47 e 49.
 mento por parte dos estabelecimentos do SSN.